

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
Curso de Jornalismo

“O Resgate da cidadania através da dança”
Projeto Cidadãos Dançantes

Ana Livia de Oliveira Porto
Cíntia Maria Franco Magalhães

São José dos Campos – SP
2004

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
Curso de Jornalismo

“O Resgate da cidadania através da dança”
Projeto Cidadãos Dançantes

**Relatório Final apresentado como
parte das exigências da disciplina
Trabalho de Conclusão de Curso de
Jornalismo à Banca Avaliadora da
Faculdade de Comunicação e Artes
da Universidade do Vale do Paraíba .
Orientadora: Vânia Braz**

**Universidade do Vale do Paraíba .
2004**

UNIVERSIDADE DO VALE DO PARAÍBA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E ARTES
Curso de Jornalismo

TRABALHO DE GRADUAÇÃO

2004

Título: O resgate da cidadania através da dança
Alunos: Ana Lívia de Oliveira Porto
Cíntia Maria Franco Magalhães

Orientador: Vânia Braz de Oliveira

Banca Examinadora: Vânia Braz de Oliveira e Carlos Abranches

Nota do Trabalho: _____

São José dos Campos – SP
2004

“O que aconteceria se ao invés de construir nossa vida, nós nos entregássemos à loucura ou à sabedoria de dançá-la?”.

(Autor desconhecido)

INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolve a temática: “O Resgate da Cidadania através da dança”, visa demonstrar que a dança relaciona-se com fuga, lazer, status, esperança de uma vida melhor, diversão, valorização, auto-estima e reconhecimento pessoal, além de como o acesso à dança, é restrito e limitado em nosso país. Muitas vezes devido às condições financeiras, poucos podem freqüentar escolas de dança ou mesmo conceber a dança como um conteúdo de lazer e cultura.

Assim, de que forma a dança pode contribuir efetivamente para a formação de cidadãos?

A partir de questionamentos como este, buscamos reflexões e caminhos para demonstrar que a dança pode contribuir de forma eficaz na construção da cidadania.

O objeto pesquisado, “Projeto Cidadãos Dançantes”, tem como perspectiva a visão da dança como um compromisso e direito de seus integrantes ao acesso à vida cultural plena, ao lazer com qualidade, direito de participar como transformadores de sua vida social. O Projeto oferece 190 vagas, para crianças, adolescentes, adultos e idosos da comunidade.

O vídeo pretende contribuir para que a dança possa ser mais valorizada e vista como uma forma de recuperar a auto-estima das pessoas e fazer com que sejam parte de um mundo que se encontra perto fisicamente, mas longe de suas possibilidades.

Através das entrevistas observamos que a dança configura-se de várias maneiras, intimamente ligada com a história de vida de cada pessoa. É importante destacar também o papel do professor que atua como voluntário no ensino da dança, mas que principalmente é participante do processo de resgate da cidadania de cada pessoa integrante do Projeto.

Este projeto compõe-se da explicação da dança e sua história, o surgimento da dança contemporânea, seu espaço no Brasil, a cidadania e processos utilizados para produzir um vídeo documentário.

Capítulo I – A HISTÓRIA DA DANÇA

1.1 Histórico

“Dançar é definido como uma manifestação instintiva do ser humano. Antes de polir a pedra e construir abrigos, os homens já se movimentavam ritmicamente para se aquecer e comunicar. Na era primitiva, os homens dançavam para idolatrar seus deuses. A dança fazia parte dos rituais tribais e sagrados e tornou-se parte da cultura folclórica expressando distinções étnicas”. (PORTINARI, 1989 p. 11).

Tempos depois assumiu formas, técnicas e tornou-se uma linguagem especial de expressão e interpretação do artista.

“A dança é uma forma de expressão corporal criada na formação pessoal de um fato, uma idéia, uma sensação ou sentimento, o qual é transmitido pelo dançarino através do movimento”. (FAHLBUSCH, 1990 p.13).

A dança muda assim como toda a forma de arte, pois é criada por indivíduos que pertencem a meios distintos. É considerada a mais antiga das artes, e também a única que dispensa materiais e ferramentas. Ela só depende do corpo e da vitalidade humana para cumprir sua função enquanto instrumento de afirmação dos sentimentos e experiências subjetivas do homem.

“De todas as artes, a dança é a única que dispensa materiais e ferramentas, dependendo só do corpo. Por isso dizem-na a mais antiga, aquela que o ser humano carrega dentro de si desde tempos imemoriais. Antes de polir a pedra, construir abrigo, produzir utensílios, instrumentos e armas, o homem batia os pés e as mãos ritmicamente para se aquecer e se comunicar. Assim, das cavernas à era do computador, a dança fez e continua fazendo história. (PORTINARI, 1989 p. 12).

O desenvolvimento da sensibilidade artística determinou a configuração da dança

como manifestação estética. A divulgação da dança se deu também fora do mundo do espetáculo, principalmente nas tradições populares.

A dança sempre foi usada como uma forma de comunicação. Desde os primórdios da civilização até os dias atuais, a dança serviu como meio de formação cultural e expressão corporal, sendo até diferencial característico na cultura de alguns povos.

“Não há povo sem dança, e todas as suas formas são apreciadas: clássica, moderna, folclórica e de vanguarda, ela atrai multidões...” (PORTINARI, 1989 p. 12).

Enfim, dança é a arte de mover o corpo de acordo com o tempo e o espaço. Ela é estabelecida pelo ritmo e a composição coreográfica.

1.2 Estilos

Cada cultura traz um pouco de seu conteúdo através de suas danças, seja como uma forma de expressão artística, como objeto de culto aos Deuses ou como simples entretenimento. Encontramos diversas influências culturais dos países de onde são originários os ritmos.

A dança foi se transformando e aos poucos se tornou acessível às camadas menos privilegiadas da sociedade que já desenvolviam outro tipo de dança: as danças populares. Estas inevitavelmente, com alterações de comportamento foram se unindo aos estilos primários, dando origem assim a novas vertentes dançadas por casais ou em grupos, através de movimentos mais rápidos, ou mais complexos, dependendo de cada estilo.

1.2.1 Jazz

De acordo com pesquisa realizada no site (<http://geocities.yahoo.com.br/quemdancaemaisfeliz/interna2.html>) o Jazz é uma forma de expressão pessoal criada e sustentada pelo improviso. Na sua origem a Dança Jazz tem raízes essencialmente populares. Pode-se afirmar, inclusive, que nasceu diretamente da cultura negra.

No início, nas viagens dos navios negreiros da África para os Estados Unidos, os negros que não morriam de doenças eram obrigados a dançar para manterem a saúde. As danças tradicionais dos senhores brancos eram as polcas, as valsas e as quadrilhas. Já os

negros os imitavam para ridicularizá-los, dançavam de acordo com a visão que tinham da cultura européia, misturando um pouco com as danças que conheciam, utilizando instrumentos de sua cultura. Dessa forma, surgiu o jazz, que era uma mistura da imitação dos ritmos europeus com os costumes naturais dos negros.

No início deste século, as danças afro-americanas começaram a entrar para os salões, e a sofrer novas influências: do can-can e do charleston, principalmente. Logo, essa dança que se pode até chamar de "mista", tomou conta dos palcos da Broadway, se transformando na conhecida comédia musical que, por sua vez, é o segundo nome dado à dança mais conhecida como jazz.

Modern Jazz Dance, Soul Jazz, Rock Jazz, Disco Jazz, Free Style e Jazz, são algumas das designações que hoje em dia vão sendo utilizadas para denominar os numerosos aspectos de que se reveste esta forma de expressão artística. No Brasil além destas designações, a generalização, tem sido freqüentemente exagerada a ponto de considerar determinadas formas de ginástica ou atividade física, englobadas no mesmo termo.

Jack Cole, é considerado por alguns o pai da dança Jazz. Cole foi um dos primeiros a interagir fundamentos da Dança Moderna e sua técnica de isolamento das partes do corpo. Sua técnica viria a influenciar toda uma geração como Matt Mattox, entre outros.

O jazz tem certas características marcantes, incluindo a isolação, uma explosão de energia que se irradia dos quadris e um ritmo pulsante que dá o balanço certo e a qualidade do movimento. O comentário artístico e crítico, entretanto, geralmente acha o jazz uma dança de pouco valor coreográfico, por ser uma mistura de vários estilos pessoais derivados de um processo de improvisação, que organizados formam uma coreografia.

As diferentes técnicas do Jazz têm demonstrado que muitos princípios foram herdados do Ballet Clássico e da Dança Moderna. Poucos sabem qual será o futuro e suas novas influências, mas o que se pode afirmar é que até hoje, o Jazz tem sido uma das formas mais importantes da expressão artística.

1.2.2 Sapateado

De acordo com pesquisa realizada no site (<http://www.stellaaguiar.com.br/historiadoritmo/historiadosritmos.htm#sapateado>) na

Irlanda, no século V, os camponeses que usavam sapatos com solado de madeira para aquecer os pés, começaram a brincar com os sons que esses sapatos faziam. Criavam diversos ritmos, originando uma dança conhecida como Irish Jig.

O Irish Jig exigia de seus dançarinos um rápido e complexo trabalho dos pés, com o braço próximo ao tronco.

Séculos mais tarde, na Inglaterra, durante a Revolução Industrial, os operários usavam sapatos de madeira. Nos intervalos de trabalho, estes operários desafiavam uns aos outros com os sons produzidos por aquele sapato, criando assim uma nova dança chamada de Lancashire Clog. Mais tarde estes tamancos foram substituídos por solados de couro com moedas de cobre fixadas na sola, para conseguir ganhar e impressionar mais no desafio produzindo maior som.

Entre os anos de 1909 e 1920, vários estilos musicais e de dança foram criados nos EUA, como o "Fox Trot" e o "Tukey Trot". Com a chegada dos africanos e europeus na América do Norte, essa fusão de informações se uniu ao estilo musical americano que estava em alta, então começaram a surgir os sapatos com chapinhas de metal nas solas e a dança chamada então de *Sapateado*.

Nos EUA, o Sapateado se deu pelos negros americanos, que se desafiavam com a dança acompanhada por ritmos sofisticados, com muitos movimentos de corpo e não apenas o trabalho dos pés. Era uma dança exclusivamente masculina.

Até meados dos anos 40, o sapateado proliferou como uma febre nos EUA, embora nas décadas de 50 e 60 tenha sumido do cenário cultural americano, devido à Segunda Guerra Mundial.

Na década de 70 o sapateado teve seu grande retorno aos palcos conquistando, anos mais tarde as telas do cinema, dando origem a era dos grandes musicais e tendo como protagonistas os grandes mestres: Fred Astaire, Ginger Rogers, Gene Kelly, Ann Muller, entre outros.

1.2.3 Dança de salão

Com base em pesquisa no site (<http://revolutioncompany.com.br/danca.htm>) a Dança de Salão enquadra-se na categoria de dança popular por ser uma manifestação do momento. É uma tradição cultural praticada de geração a geração por homens e mulheres,

há cerca de três mil anos. É também chamada de diversão social entre casais, propiciando relações de amizade. Surgiu na Europa no séc. XV e chegou ao Brasil no séc. XVI com os imigrantes europeus, dando grande influência à nossa música e dança. Os seus principais ritmos são:

* **Bolero** – O tradicional Bolero antigo de "dois pra cá, dois pra lá", foi com o passar de tempo se modificando devido a grande influência de Fred Astaire, ou até mesmo do tango argentino, influenciando então na elaboração de novos passos com uma grande interpretação musical romântica. Podemos então dizer que nos tempos de hoje o que ficou de antigo é o romantismo e elegância de se dançar um ritmo gostoso e juntinho com seu parceiro.

* **Samba de Gafieira** – Ritmo nascido no Rio de Janeiro, muito conhecido pela grande agilidade com as pernas e os pés (malandro carioca da gema). É um ritmo dançado por qualquer samba, desde seu surgimento com seus passos tradicionais como "passo básico frente e trás, puladinho, balão apagado, tranças etc". Vem sofrendo uma grande evolução em criações de passos e movimentos hoje muito influenciados pelo tango argentino. É um ritmo muito gostoso de se dançar, com uma grande ginga brasileira.

* **Samba Pagode** – Dançado principalmente em São Paulo, nos anos 90. Um ritmo com muito balanço dos quadris e muitos passos acrobáticos, porém com pouco deslocamento no salão e dançado, em sua maioria, por jovens.

* **Soltinho** – Chamado também de Swing ou Rock brasileiro, é na verdade uma nova dança descendente desses ritmos, uma forma brasileira de dançar variações de braços e giros do Rock dos anos 60. Alegre e solto, muito dançado nos salões, especialmente pelos jovens.

* **Tango** – Primeiramente, o tango foi dançado apenas por pessoas das classes mais pobres, pois era discriminada pelos ricos. No entanto, por volta de 1910, houve uma transformação de caráter no tango, o que o tornou perfeitamente aceito por toda a comunidade. Nesta época formavam-se os primeiros grupos de tocadores de tango, cujo instrumento fundamental é o bandoneon, uma espécie de acordeão semelhante à gaita gaúcha. Com tempo, foram juntando-se ao bandoneon o piano, o violino, a guitarra e o contrabaixo.

Ritmo dançado no mundo todo, nascido na Argentina ressurgiu no Rio de Janeiro em 1988, uma dança de movimentos bem elaborados que cresce a cada dia.

1.2.4 Dança de rua

Baseado na pesquisa do site (<http://www.meiradarocha.jor.br/index.pl/dana>) para estabelecer como surgiu a Dança de Rua é preciso saber que as primeiras manifestações ocorreram na época da grande crise econômica dos Estados Unidos, mais precisamente em 1929. Neste período, vários artistas entre músicos e dançarinos que trabalhavam em casas noturnas perderam seus empregos e foram trabalhar nas ruas. Com isso esses artistas, a fim de sobreviver tocavam o Ragtime, o Jazz e outros ritmos negros; surgiram então os tap dancers (sapateadores), os primeiros dançarinos de rua. É certo que, o que era feito nessa época é completamente diferente do que existe hoje, mas aí está o início.

Segundo Frank Ejara¹, a palavra street dance é um rótulo que a mídia propagou para se identificar os estilos da dança que surgiram nos guetos americanos. É importante lembrar que o termo Dança de Rua (Street Dance) foi criado pela imprensa por não ser uma dança acadêmica e porque os dançarinos treinavam, e ainda treinam em locais não convencionais, tais como: praças públicas, ruas, etc. Isso não quer dizer que eles dançam nas ruas como algumas pessoas menos avisadas pensam. Mas na verdade, nos velhos tempos, assim como hoje, era raro ver um dançarino de verdade fazendo performance na rua; eles se apresentavam em bailes, shows, festas, discotecas, e não nas ruas.

1.2.5 Dança folclórica

Através de pesquisas feitas no site (<http://www.geocities.com/Broadway/Alley/6471/Folclore/folclore.html>) a dança folclórica é um baile cerimonial ou recreativo, com passos simples e repetitivos executados por membros de uma comunidade com laços culturais em comum, resultante de um longo convívio (transmitidos de geração a geração), e troca de experiências.

Não requerem a presença de público; funciona como fator de integração celebrando eventos de relevo ou como simples manifestações de vitalidade e regozijo.

¹ Frank Ejara, conhecedor e pesquisador do movimento de dança de rua no Brasil.

Por participarem integralmente da vida comunitária, as danças folclóricas estão geralmente associadas a ocasiões específicas e a determinados grupos de pessoas. Há danças para as mais diversas atividades e ocasiões: plantio, colheita, pastoreio, pesca, tecelagem, nascimento, matrimônio, guerra, funeral. Carências e necessidades podem motivar danças.

Elas podem ser religiosas ou profanas, embora quase todas as danças ritualísticas possuam um elemento social. Danças que antigamente eram realizadas por motivos cerimoniais, hoje são dançadas com fins recreativos ou de caráter profano.

Há um traço comum em boa parte das danças folclóricas existentes, que é estar ligada a determinado momento da vida desses povos. Não é raro encontrar danças matrimoniais, de pastores, de competição entre os homens, de agradecimento por uma boa colheita.

Nas zonas campestres, longe da sofisticação dos centros urbanos, é que se mantém por mais tempo o sentido religioso das danças de favorecimento ou de agradecimento, sendo, é claro, modificado por aspectos dos novos costumes impostos pela modernidade.

Um dos mais significativos aspectos da dança folclórica está em favorecer a aproximação entre homem e mulher, um resquício dos rituais de fertilidade que se poliu conforme a evolução dos costumes.

O folclore brasileiro se divide em dois grupos principais: o urbano, ou aquele que é parte integrante da vida das populações citadinas e que domina principalmente no Norte e no Nordeste do Brasil; e o rural, que ocupa a maior parte do Sul e Centro Oeste, mas que se desenvolve principalmente nas aldeias e vilarejos, fora dos grandes centros urbanos. As colonizações portuguesa e espanhola foram um ponto de influência básico, tanto no Norte como no Sul do Brasil.

Alguns tipos de danças folclóricas brasileiras são:

* **Caiapó:** Era muito dançado em São Paulo e Minas Gerais, principalmente pelos indígenas da região litorânea paulista. Com o avanço da civilização e o recuo dos silvícolas para as margens do rio Xingu, sé as raízes da sua dança ficaram no seu habitat original. O caiapó também é dançado no Pará.

* **Maracatu:** Dança coletiva muito praticada em Pernambuco, representa um desfile em homenagem a um rei africano. O séquito real, composto por vários personagens, se dirige à

igreja seguido pelos músicos, executando figuras de grande efeito coreográfico. Depois de uma saudação com fogos de artifício, os bailados são executados com muita agilidade, incluindo um sapateado admirável. Quem canta não dança e quem dança não canta.

* **Bumba Meu Boi:** Tido como o mais puro dos espetáculos nordestinos, sua origem não é muito precisa, tendo alguma influência européia, mas com estrutura, assunto, música e tipos essencialmente brasileiros, com características do ciclo econômico do gado. Trata-se de uma aglutinação de reisados em torno de um reisado principal que conta a vida e a morte do boi.

* **Coco:** É de origem ameríndia (tupi). Muito dançada nas regiões de praia do Norte e do Nordeste, especialmente em Alagoas, apresenta grande variedade de formas, com diferenças perceptíveis em cada estado. Apesar de não ter riqueza de ritmos e melodias, é uma festa alegre e vivaz.

* **Frevo:** Uma das danças mais vivas e brejeiras do folclore nacional, sua música é inspirada num misto de marcha rápida e polca. A comunicabilidade da música é contagiante, o que torna o frevo uma dança de multidão. Sua área de influência é o Nordeste, sendo muito dançado especialmente em Pernambuco. Rico em espontaneidade e improvisação, o frevo permite que o dançarino exercite sua criatividade, fazendo passos que, em alguns casos, chegam ao malabarismo.

* **Danças Gaúchas:** Revelam o espírito de fidalguia característico do camponês do Rio Grande do Sul e apresentam grande teatralidade. O figurino é bem tradicional, como vestido de chita floreado com lenço de seda no pescoço para as mulheres e chapéu de aba não quebrada dos lados, bombacha e botas de cano mole para os homens.

* **Candomblé:** Cerimônia religiosa de origem Bantu, onde são evocados os Orixás, através de batidas de atabaque. A ordem de chamada dos deuses variam em cada terreiro, mas sempre se inicia por Exu - o mensageiro dos deuses - e termina com Oxalá - o Senhor do Céu. Cada divindade recebe no mínimo três cânticos com danças que representam suas histórias e mitos.

* **Caboclinho:** Considerada uma das mais aprimoradas danças do Nordeste, com partes coreográficas – conhecidas por "manobras" – que exigem muita agilidade e habilidade de execução. As danças, ricas em mímicas, ora simulam lutas guerreiras, ora rituais de caça ou trabalhos agrícola dos indígenas.

* **Maculelê:** Dança pertencente ao folclore da Bahia, representa uma luta em que os homens, providos de um bastão ou facão, fazem com que estes se cruzem com uma batida que obedece ao ritmo marcado pelo acompanhamento musical.

* **Capoeira:** Jogo embalado por som de berimbau e pandeiro com características de luta, onde os adversários não se atacam mas desferem uma sucessão de golpes com os pés, experimentando a guarda do oponente, de forma bastante acrobática. Sua origem vem dos quilombos, onde os negros desenvolveram sua movimentação a partir da imitação de animais como gatos, macacos, cavalos, cobras ou aves.

* **Xaxado:** Originada no Nordeste, particularmente no Ceará, a dança se caracteriza pelo ritmo, bem marcado com as batidas dos pés. A coreografia é rica e inclui evoluções, filas e giros. Em alguns lugares, os dançarinos, rapazes e moças, se apresentam vestidos de cangaceiros.

* **Fandango:** Introduzido no Brasil e adaptado aos gostos e características de cada região, é particularmente apreciado no Nordeste e nos estados do Sul. De requintada estética e elegância, o grande efeito cênico de suas diversas coreografias locais fez do fandango uma das danças mais interessantes do folclore brasileiro.

* **Carimbó:** Dança e música típicas do Pará. Seu principal instrumento é que lhe empresta o nome: um tambor feito de tronco cavado com um couro de veado bem esticado, onde seu tocador se senta e bate com as duas mãos. Sua coreografia se caracteriza com dança de roda que reúne homens e mulheres que se movimentam acompanhando as notas da música bem como seu ritmo.

* **Samba de Roda:** Dança de origem africana que se desenvolve em círculo. Muito praticado na Bahia, parece um baile ao ar livre onde todos podem participar se movimentado à vontade, desde que convidados por uma "umbigada".

* **Samba:** Dança popular brasileira, de origem africana, com variedades urbana e rural, cantada e muito saracoteada, compasso binário e acompanhamento obrigatoriamente sincopado, à base de percussão e de palmas. Na década de 20 nasceu a primeira Escola de Samba, no Largo do Estácio no Rio de Janeiro, com a fusão da música popular brasileira, do Samba de Roda e do Rancho. Do Rancho herdaram a configuração de Marcha, a baliza formada pela Porta Bandeira e o Mestre Sala, e os enredos. Do Samba de Roda, a ginga dos passos. E da situação particular da música popular urbana de então, surgiu o samba.

1.2.6 Dança do ventre

De acordo com pesquisa no site (http://www.nandabrasil.hpg.ig.com.br/entretenimento/16/index_int_2.html) numerosas são as teorias elaboradas para explicar as origens e funções da dança do ventre, normalmente associadas à fertilidade, sensualidade e à maternidade. A dança em árabe é chamada de "Raqs Sharqui" (dança do oriente) existe provavelmente há milhares de anos. Dentre as muitas teorias sobre suas origens, uma delas é que, tem suas raízes na Índia e que de lá foi difundida pelos ciganos que a divulgaram no Ocidente. Também é verdade que desde as épocas mais primitivas, homens e mulheres, crianças e velhos, dançavam imitando os animais e os elementos da natureza que os cercavam. Com o tempo, começaram a acreditar que ao dançar eram capazes de atrair boas caças, chuva e sol.

Apesar das diversas versões de sua origem, uma coisa é certa: foi no Antigo Egito, há mais de quatro mil anos a.C., que a dança do ventre se desenvolveu de forma brilhante. Inicialmente, a dança era ofertada como um tributo à deusa Ísis, a grande Deusa lunar. Originalmente, preponderava o sentido sagrado, expressando os mistérios da vida e da morte. Posteriormente a Dança do Ventre se conectou como o mundo religioso, como parte integrante de festividades populares, mostrando-se extremamente técnica e apurada.

Enquanto os sacerdotes e sumo sacerdotes preparavam a cerimônia, as sacerdotisas eram as responsáveis pela abertura de um canal para o plano espiritual através do cântico e da dança, para que a energia divina se manifestasse. Sem a presença delas, nenhum ritual poderia realizar-se. Cantavam e dançavam, envoltas por um véu e, ao tira-lo, demonstravam que o mistério do universo seria revelado. A princípio, a dança do ventre era realizada somente em templos, mas com o passar do tempo começou a fazer parte de grandes solenidades públicas nos palácios, o que fez com que ela se popularizasse. Os ensinamentos da dança e do ritual eram transmitidos de geração à geração, até a queda do império egípcio, quando perdeu o seu conteúdo original e recebeu influências de outros povos.

Através dos séculos, ela se tornou uma apresentação artística para celebrar o poder da força feminina. Os homens também dançam, de outro modo, em um estilo mais folclórico. Eles geralmente dançam com bastões (usando turbantes e galabayas ou vestes brancas) como em um tipo de arte marcial egípcia, simbolizando a virilidade masculina e o

poder. Tanto a energia masculina quanto a feminina contribuíram para esta arte antiga.

1.2.7 Dança Flamenca

Com base na pesquisa feita no site (<http://www.centroespanhol.com.br/flamenco.htm>) flamenco é a arte do atrevimento sem limites. Com sapateado vigoroso e elaborado, unido a movimentos fortes e sensuais, pode ser de pura leveza, tornando-se pesado em questão segundos. Esse domínio de técnica e sentimento chama-se "duende". Hoje, a dança flamenca uniu muitas influências à sua técnica: dança moderna, contemporânea e balé clássico. Essa união tornou o flamenco ainda mais rico, sendo considerado a arte mais completa, tanto corporal como musicalmente.

1.2.8 Ballet

Segundo definição realizada pelos autores do trabalho, seguido de pesquisas documentais no site (<http://www.geocities.com/Hollywood/Lot/8182/estilos.html>), este estilo de dança pode ser dividido em três grupos:

1.2.8.1 Ballet Clássico

O Ballet Clássico, ou Dança Clássica, surgiu numa época de intrigas entre os Ballets Russo e Italiano, que disputavam o título de melhor técnica do mundo. Sua principal função era exprimir ao máximo a habilidade técnica dos bailarinos e bailarinas e o virtuosismo que os passos de ballet poderiam mostrar e encantar toda a platéia. Um exemplo destes virtuosismos é os 32 fouettés da bailarina Pierina Legnani em 'O Lago dos Cisnes', ato que fazia milhares de pessoas ficarem de boca aberta.

Esses Ballets também se preocupavam em contar histórias que se transformaram basicamente em contos de fadas. Nestes Ballets procura-se sempre incorporar seqüências complicadas de passos, giros e movimentos que se adequem com a história e façam um conjunto perfeito.

No Ballet Clássico a roupa mais comumente usada era os tutus pratos, saias finas de tule, marca característica da bailarina, pois permitiam que as pernas da bailarina fossem vistas e assim ficasse mais fácil verificar se os passos estavam sendo executados corretamente. Como exemplos de Ballets Clássicos temos o já citado "O Lago dos Cisnes"

e “A Bela Adormecida”.

1.2.8.2 Ballet Romântico

O Ballet Romântico é um dos mais antigos e que se consolidaram mais cedo na história do Ballet. Esse tipo de dança atraiu muitas pessoas da época, devido ao Movimento Romântico Literário que ocorria na Europa na primeira metade do século XIX, já que se adequava à realidade da época, pois antes as pessoas diziam que não gostavam de Ballet porque não mostrava nada do real.

Os ballets que seguem a linha do Romântico pregam a magia, a delicadeza de movimentos, onde a moça protagonista é sempre frágil, delicada e apaixonada. Nesses Ballets se usam os chamados tutus românticos, saias mais longas que o tutu prato. Estas saias de tule com adornos são geralmente floridas, lembrando moças do campo. Como exemplos de Ballets Românticos podemos citar “Giselle”, “La Fille Mal Gardée” e “La Sylphides”.

1.2.8.3 Ballet Moderno

O Ballet Contemporâneo, mais conhecido por Ballet Moderno, foi criado no início do século e ainda preserva o uso das pontas e gestuais ainda muito próximos do Ballet Clássico. Neste estilo de dança as coreografias começam a ter ideologias diferentes. Não há mais uma história que segue uma seqüência de fatos lógicos, mas sim muitos passos do ballet clássico misturados com sentimentos.

As roupas usadas no Ballet Contemporâneo são geralmente colantes e malhas, como em uma aula normal, para dar maior liberdade de movimento aos dançarinos. É o estilo que vem antes da dança moderna, que esquecerá os passos clássicos, dando ênfase somente aos movimentos corporais. Seu principal difusor foi George Balanchine, em Nova York, com belíssimas coreografias como “Serenade”, “Agon” e “Apollo”.

Por existir diversos estilos de dança, e esta ser uma arte que está intimamente ligada às pessoas que criam e interpretam seus estilos mais variados, é normal que novas modalidades apareçam. Afinal o que seria das danças se elas não mudassem, se elas não variassem de estilo, de jeito, não se diferenciavam? Seria tudo igual... não notaríamos a

evolução. Bailarinos e coreógrafos felizmente criam, inventam coisas novas. Muita coisa pode ser criada a partir das técnicas “conservadoras” do ballet clássico. Movimentos soltos, livres e desarticulados são as principais características da dança dos nossos tempos: a dança contemporânea.

Capítulo II – DANÇA CONTEMPORÂNEA

2.1 Histórico

“Contemporâneo significa o que é do mesmo tempo, no caso presente, o que é da nossa época”. (FAHLBUSCH, 1990 p.69).

A dança contemporânea consiste em um estilo que utiliza várias técnicas para desenvolver e aprimorar o uso do corpo. Este estilo de dança revolucionou o “conservador” ballet clássico. Os bailarinos contemporâneos utilizam movimentos livres, naturais e expressivos.

As diversas possibilidades expressivas de movimento são aspectos que possibilitaram o aparecimento do que chamamos de Dança Contemporânea. Cada vez mais coreógrafos e pesquisadores do movimento tentam buscar recursos para exprimir de forma inovadora seus sentimentos e questões do cotidiano.

“A ação na dança, é a arte de fazer passar as emoções e as ações da alma do espectador para a verdadeira experiência de nossos movimentos, nossos gestos, nossos corpos”. (FAHLBUSCH apud.NOVÉRRE, séc XVIII, 1990 p.95).

O aprendizado técnico da dança contemporânea abrange os conhecimentos dos métodos de Marta Graham, Doris Humphrey, Laban, como base para a preparação corporal. Este tipo de técnica também busca sempre levar a conscientização do bailarino para a importância do aprendizado da dança, conhecimento e sua evolução histórica.

A dança contemporânea enfatiza sempre a criatividade, a expressão e o desenvolvimento do pensamento coreográfico em toda sua amplitude, despertando no bailarino o sentido e o gosto pela arte contemporânea, levando-o a entender o grande universo em que vivemos no cotidiano da arte de dançar.

“O domínio do corpo consiste em dar conhecimento aos dançarinos, de seus próprios corpos, em levá-los a criar seus próprios gestos segundo o estilo que convém a suas personalidades, e em função de seus gestos”. (FAHLBUSCH, 1990 p.95).

Na Dança Contemporânea os movimentos não precisam ser necessariamente leves e para o alto, ou extremamente difíceis como no ballet clássico; eles podem ser fortes, soltos ou desarticulados, até sem forma, mas que expresse o que se deseja revelar ao público.

Assim, este tipo de dança não se resume a uma técnica, ela não é uma cópia de exercícios, mas uma arte que permite ao bailarino ou ao coreógrafo se exprimir em movimento.

“A necessidade de se expressar é um patrimônio do ser vivo”. (FAHLBUSCH, 1990 p.97).

2.2 A dança contemporânea no Brasil

O Brasil, que tem o carnaval como sua festa dançante aderiu ao ballet na década de 20, quando Maria Oleneva chegou ao país com a Companhia de Anna Pavlova, uma bailarina russa que marcou a história da dança. O profissionalismo desenvolveu-se a partir da escola que Maria Oleneva criou no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, que se tornou a segunda mais antiga companhia da América Latina. Novos grupos surgiram, abrangendo todas as tendências.

De maneira geral, a dança contemporânea no Brasil teve uma má fase na década de 50, não por falta de valores, mas pela preferência do público pelo ballet clássico. Nos anos 60 foi vista uma pequena evolução, mas ainda assim muitos críticos insistiam em afirmar que a dança contemporânea era o “reduto dos fracassados do ballet clássico”. Já nos 70, preconceitos foram dissipados, o que fez surgir vários grupos.

“O resultado mais sólido deve-se ao Ballet Stagium, que a partir de uma base clássica, fez uma ponte com o estilo moderno, empenhando-se principalmente na criação de um repertório de raízes brasileiras”. (PORTINARI, 1989 p.167).

Atualmente, a tendência em qualquer país é a integração do ballet com a dança contemporânea, essa integração existe nas companhias e às vezes até numa mesma coreografia. No entanto, por dispensar as sapatilhas de ponta, as posições e os passos rígidos, a dança contemporânea é mais abrangente do que o ballet e se ajusta melhor ao nosso tempo.

2.3 A dança contemporânea em São José dos Campos

De acordo com entrevista feita pelas autoras do trabalho com a professora de dança contemporânea de São José dos Campos – Gabriela Dellias, pudemos observar que a dança

contemporânea, apesar de ter sofrido um certo "preconceito" no início, principalmente por seguidores do ballet clássico, conquista cada vez mais adeptos na cidade.

A professora afirma que a arte é conhecida como dança criativa, que retrata situações e sentimentos do cotidiano de pessoas comuns, tanto que qualquer um pode dançá-la, e a sua prática tem sido cada vez mais comum em grandes cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, e também em cidades do interior.

Grupos de renome começam a se adaptar a esse novo estilo em suas coreografias, e há os que surgem com o contemporâneo como único estilo de dançar.

Em São José dos Campos esse tipo de dança não é muito conhecido das pessoas em geral. Já existe um público específico para a dança, mas que precisa ser expandido. Algumas academias e grupos de dança da cidade mesclam o contemporâneo com o jazz ou o ballet.

A Cia de Dança da Cidade, grupo que integra o Projeto Cidadãos Dançantes, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, utiliza esse estilo, com coreografias que mostram o dia a dia das pessoas, e costumes da região.

A idealizadora do Projeto e coreógrafa da Cia, Gabriela Dellias, acredita que o trabalho do seu grupo é contemporâneo por se aproximar dos dias de hoje. Trabalhando com uma linguagem que se aproxima das pessoas comuns, com temáticas do dia a dia. Ela acredita ainda que a dança contemporânea pode se popularizar em São José dos Campos através de oficinas e projetos como os Cidadãos Dançantes. "Quando mostramos trabalhos assim, as pessoas passam a ter mais interesse pela dança", diz.

Com iniciativas simples, Gabriela acredita que a dança contemporânea pode se popularizar na cidade, e despertar nas pessoas o interesse por esse modo de dançar. Essa tentativa de aproximar a dança das pessoas utiliza diferentes elementos. "A idéia é unir características de teatro, música e outras formas de expressão", diz Gabriela.

"Nós queremos na verdade reforçar a auto-estima dos alunos e utilizar a dança como instrumento para incentivar o exercício da cidadania" acredita Gabriela.

Capítulo III – O RESGATE DA CIDADANIA

3.1 Conceito

A cidadania assume várias formas em função dos diferentes contextos culturais. O conceito de cidadania, enquanto direito a ter direitos, tem diversas interpretações.

"A cidadania é responsabilidade perante nós e perante os outros, consciência de deveres e de direitos, impulso para a solidariedade e para a participação, é sentido de comunidade e de partilha, é insatisfação perante o que é injusto ou o que está mal, é vontade de aperfeiçoar, de servir, é espírito de inovação, de audácia, de risco, é pensamento que age e ação que se pensa". (PAIXÃO e SAMPAIO, 1990 p. 42).

De acordo com Jaime Pinsk² ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: é, em resumo, ter direitos civis. É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho, ao salário justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais, fruto de um longo processo histórico que levou a sociedade ocidental a conquistar parte desses direitos.

O cidadão é parte integrante da nação, deve ter iniciativa, deve participar. A defesa dos valores para a construção de um país é comum a todos, cabendo a cada indivíduo participar e exercer o direito de cidadania de forma construtiva.

Entender a cidadania no seu conceito mais amplo utilizado hoje, exige, necessariamente, que haja bom ambiente, boa qualidade de vida e de convívio entre os homens, normais e próprios de um Estado democrático de direito; ninguém ignora que existe uma relação direta de cidadania com direitos humanos, com democracia, tal como já todos sabemos que o modelo centralizado de gestão dos países está morto e enterrado em qualquer democracia e apenas faz parte das sociedades onde impera a ditadura.

² Jaime Pinsk, historiador brasileiro.

3.2 O que é resgate da cidadania?

Todo cidadão deve ter direito a oportunidades de desenvolver seu caráter, seus dons através de uma vida social digna.

O desequilíbrio social contribui fortemente para que as pessoas sintam-se excluídas, e longe de alcançar o mesmo patamar de outros indivíduos. Para as autoras do trabalho, “resgatar a cidadania”, poderia partir do princípio de que todas as pessoas tivessem as mesmas oportunidades.

Resgatar a cidadania é trazer estas pessoas ao convívio social, elevando sua auto-estima, fazendo com que elas não se sintam inferiores. Oportunidades como: emprego, estudo, atendimento médico, cultura, lazer entre outros seriam elementos importantes no processo de transformação.

O "Projeto Cidadãos Dançantes" deseja, através da dança contemporânea, proporcionar aos participantes, uma nova esperança, um novo olhar e a confiança na possibilidade de mudarem a sua realidade. A dança tem o poder de trabalhar a auto-estima nos campos psicológico e social, além de oferecer uma relação direta com o autoconhecimento, com momentos de muito prazer e alegria, funcionando ainda como estimuladora da vida e do verdadeiro sentido da cidadania. Por isso se apresenta como uma alternativa na busca do resgate da auto-estima e da cidadania, tão enfraquecidas nesse ambiente social conturbado.

Em virtude das dificuldades que muitas pessoas possuem em ter acesso a aulas de dança ou academias particulares, o Projeto Cidadãos Dançantes traz a eles estas oportunidades além de novas perspectivas, desafiando-os a pensar e agir, despertando assim sua capacidade criativa.

Desenvolvendo a consciência da possibilidade de realização social e humana através da dança, pretende-se fazer com que essas pessoas venham a ter contato com a cultura e a arte.

A dança nesta perspectiva é encarada como um processo de conquistas, de reconhecimento, de aceitação dentro do grupo, de sentir-se sujeito no mundo e com o mundo, de fazer parte de uma equipe, de sentir-se como um cidadão, já que ele teve ampliado a auto imagem de uma forma considerada positiva pela sociedade.

Capítulo IV – A COMPANHIA DE DANÇA DA CIDADE

4.1 Histórico

Fundada oficialmente em 2001, a companhia integra o Projeto Cidadãos Dançantes, da Fundação Cultural Cassiano Ricardo, de São José dos Campos. Atua junto à comunidade desenvolvendo um trabalho de dança criativa, tendo como base técnicas de consciência corporal.

O objetivo é despertar em cada um, seu próprio jeito de expressar, dançar e se comunicar.

A Cia propõe que se reflita e se repense o papel da dança e da arte na cidade, ou seja, a dança como instrumento e elemento de transformação e desenvolvimento de toda uma comunidade. Um grupo que caminha dentro de um estudo genuinamente brasileiro e contemporâneo, um mix de etnias. Tendo também como proposta um trabalho baseado em pesquisa da cultura popular, transformando manifestações espontâneas em danças, música, teatro, arte, educação e cultura.

A equipe é formada por sete bailarinos, três músicos e um diretor, que trabalham juntos mixando experiências distintas, fazendo fundir dança e música, criando composições musicais e coreográficas para se aliar ao que há de mais novo em arte e cultura, até mesmo tradições brasileiras.

4.2 Trabalho desenvolvido

A Cia de Dança da Cidade oferece aulas gratuitas de dança contemporânea em três bairros de São José dos Campos, divididos da seguinte maneira:

Núcleo Clemente Gomes:

Terças e quintas-feiras – 14h às 15h30 – Aula para adultos e adolescentes.

– 18h às 19h30 – Aula para adultos.

Professora: Suzana Bins

Espaço Cultural Bosque dos Eucaliptos:

Quartas-feiras – 9h30 às 11h – Aula para idosos.

– 16h às 17h30 – Aula para adolescentes.

– 20h às 21h30 – Aula para adultos.

Professora: Suzana Bins

Centro Cultural da Vila Tesouro – Chico Triste

Terças e quintas – 8h às 9h30 – Aula para crianças.

Professor: João Rodrigues

Total de vagas: 190

Em todos os trabalhos desenvolvidos, com as crianças, adolescentes, adultos e idosos, mais do que ocupá-los com atividades artísticas o Projeto pretende oferecer através da dança, um instrumento de transformação social. O compromisso com os alunos da aula é fazê-los sentir-se melhor e motivá-los a superar seus limites.

Capítulo V – VÍDEO DOCUMENTÁRIO

5.1 Conceito

O vídeo documentário se caracteriza por apresentar determinado acontecimento ou fato, mostrando a realidade de maneira ampla e interpretativa. As reflexões sobre vídeo documentário ainda possuem características variadas, não existem conceitos definitivos, já que é um gênero jornalístico pouco explorado na mídia televisiva brasileira.

“A palavra documentário soa bastante séria. Os exemplos que vemos na televisão tendem a tratar de problemas de interesse local, nacional ou internacional. Mas documentário significa, simplesmente, um filme factual. Assim, o formato documentário se presta a maioria dos assuntos que possam lhe interessar: tudo, desde as atividades de clube esportivo ou escola local, ou o trabalho de uma instituição de caridade, até algo mais exótico descoberto nas férias”. (SQUIRES, 1993 p. 156).

O mais importante em um vídeo documentário é o compromisso entre o jornalista e a verdade. Um documentário tem que ser acima de tudo imparcial; deve-se tentar informar sobre o acontecimento baseando-se apenas nos fatos. Deve-se evitar interpretações subjetivas, ou pontos de vista puramente pessoais. Normalmente se usa um vídeo documentário como instrumento de investigação, ou como neste caso, um trabalho de pesquisa.

“No vídeo-documentário, quando a equipe sai para uma gravação já tem definido qual o objetivo do trabalho e sabe, portanto, o que vai fazer. Tem um roteiro nas mãos, mesmo que não tenha elaborado todos os passos do processo, estando desta forma sujeito aos fatos que se desenrolarem no local... O vídeo, por ser um meio essencialmente visual, coloca a importância da busca de imagens significativas que transmitam aos futuros espectadores o que se pretende passar: preocupação, tensão, alegria, detalhes no trabalho, e toda uma série de informações não-verbais que podem vir a ser mais representativas que um

discurso. Tudo isso organizado em forma de roteiro, que serve para orientar a gravação e o trabalho posterior de edição”. (SANTORO, 1989 p. 96).

O comprimento de um vídeo documentário amador deve ficar entre quatro e quinze minutos, tempo suficiente para o espectador compreender a idéia.

5.2 O que é roteiro?

Roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, ou seja, a forma escrita de qualquer projeto audiovisual. Portanto se o roteiro é a montagem de uma história a ser contada, deve haver começo, meio e fim.

“O roteiro – da forma como é tradicionalmente chamado – descreve a sequência ordenada de imagens e diálogos que, uma vez filmados ou gravados, resultarão num filme, num documentário ou numa novela”. (SERRA, 1942 p. 27).

O roteiro surge de uma idéia que pode nascer de diversas circunstâncias: uma foto, uma história, um livro, um sonho, etc. Seja como for, uma idéia para um roteiro pode surgir em qualquer lugar a qualquer momento, por isso o roteiro para um documentário serve de orientação, de ponto de referência durante a filmagem, visto que na realidade muitas vezes é necessário inserir novos elementos não previstos.

Um roteiro lida com imagens visuais, detalhes externos, posicionamentos, trilhas, etc. Um roteiro é uma história contada também em palavras, onde os personagens se interagem, passam fatos e informações, fazem ações, e sempre movem a história adiante. Quando se escreve uma cena ou uma sequência, está se descrevendo o que o personagem diz ou faz; quando se escreve um roteiro está se descrevendo o que a câmera vê; a ação localizada. O texto deve estar diretamente ligado à imagem; ser claro, informativo e até mesmo emocionante.

Ainda assim um roteiro bem escrito não é garantia de um bom vídeo. Há vários fatores que podem interferir: o enredo, a amarração, iluminação, edição entre outros. Mas, sem um bom roteiro é ainda mais difícil fazer um bom vídeo. Isso porque todo vídeo deve ser bem planejado, e o roteiro serve para isso.

“Para viabilizar uma produção, o roteirista não pode ser exclusivamente teórico. (...) Caso contrário, correrá o risco de redigir um roteiro”egoísta”, isto é, preocupado apenas com os próprios vôos criativos, sem levar em conta a viabilidade econômica ou técnica de transformar uma idéia em imagem”. (SERRA, 1942 p.30).

O roteiro também é essencial para a edição. É nesta hora que o trabalho é facilitado se o roteiro foi bem escrito e a gravação das filmagens seguiu o máximo possível a sequência já esquematizada.

Partindo do raciocínio que o roteiro deve ter uma estrutura, procura-se dividir a sequência em blocos, a fim de analisar e identificar cada momento da história contada.

Em questão de conteúdo, é muito importante lembrar que o nível de linguagem deve ser compatível com o nível de público a ser atingido.

“Escrever um roteiro é muito mais que escrever. Em todo caso é escrever de outra maneira: com olhares e silêncios, com movimentos e imobilidades, com conjuntos incrivelmente complexos de imagens e de sons que podem possuir mil reações entre si, que podem ser nítidos ou ambíguos, violentos para uns e suave para outros, que podem impressionar a inteligência ou alcançar o inconsciente, que se entrelaçam, que se misturam entre si, que por vezes até se repudiam, que fazem surgir as coisas invisíveis”. (JEAN-CLAUDE CARRIÈRE, 1991 p. 15).

“O romancista escreve, enquanto o roteirista trama, narra e descreve”. (JEAN-CLAUDE CARRIÈRE, 1991 p. 101).

5.2.1 Entrevistas

A entrevista é um método útil porque possibilita obter depoimentos importantes que dão credibilidade com a opinião de pessoas que participam do projeto.

“A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que

vivenciam uma determinada realidade que está sendo realizada... Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não-estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semi-estruturadas” (DESLANDES, 1994 p. 57 – 58).

Para uma boa entrevista é necessário que o repórter esteja bem preparado e tenha pesquisado sobre o tema a ser abordado com o entrevistado.

Neste projeto foi utilizada também a entrevista pautada. No entanto esta serviu apenas como base referencial, para evitar atropelos, mas sem restringir a entrevista apenas ao que foi pautado.

“O ideal é que a entrevista flua espontaneamente, para que cada resposta permita o ‘encaixe’ da pergunta seguinte”. (LAGE, 2001 p.25).

5.2.2 Pesquisas realizadas

A fim de organizar a produção do vídeo-documentário e, principalmente, encontrar os meios mais adequados para obter as informações necessárias, foram empregados os seguintes procedimentos: pesquisa documental e exploratória, pesquisa bibliográfica e um estudo de caso. A coleta de dados permitiu a obtenção de informações importantes que serão agregadas ao projeto, como a história, a quantidade de pessoas atendidas, os trabalhos realizados anteriormente, etc.

“A característica da pesquisa documental é que a fonte de coleta de dados está restrita a documentos, escritos ou não, constituindo o que se denomina de fontes primárias. Estas podem ser recolhidas no momento em que o fato ou fenômeno ocorre, ou depois”. (MARCONI e LAKATOS, 2002 p. 62).

“A pesquisa bibliográfica, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto”. (MARCONI e LAKATOS, 2002 p. 62).

5.3 Roteiro do Vídeo

Descrição	Tempo	
-----------	-------	--

Abertura /Trilha	0'20"	“O resgate da cidadania através da dança” “Projeto Cidadãos Dançantes” Produção e reportagem: Livia Porto e Cíntia Magalhães
Abertura – Table Top	0'10"	3 fotos bailarinos da Cia de Dança da Cidade
Bailarino falando sobre a Cia e o amor pela dança		
GC: Mariana Carvalho Bailarina da Cia de Dança da Cidade	0'17"	“Dança é uma das formas...diferentes de você”.
GC: Carlos Alves Bailarino da Cia de Dança da Cidade	0'12"	“Dançar pra mim na Cia...eu sei fazer”.
GC: Laila Mulinari Bailarina da Cia de Dança da Cidade	0'15"	“Dançar pra mim é...meus potenciais”.
GC: Ronaldo Lino Bailarina da Cia de Dança da Cidade	0'15"	“Dançar pra mim é transcender... no futuro”.
Fade – mudança de tela	0'01"	
Gabriela Dellias contando a história da Cia de Dança da Cidade		
GC: Gabriela Dellias Bailarina e coreógrafa	0'55"	“A gente começou...despertar cidadãos”. (cobrir com imagens dos bailarinos da Cia)
Clip aulas/ espetáculos	0'20"	
Suzana Bins falando sobre a emoção de dar aula para crianças, adultos e terceira idade		
GC: Suzana Bins Professora do projeto	2'55"	“Eu sou professora de dança... vale a pena”. (cobrir com imagens das crianças, adultos e terceira idade, conforme ela fala)

Fade – mudança de tela	0’01”	
Alunos da turma de crianças GC: Rafaela Gatto Aluna do Projeto	0’10”	“Coreografia é...bastante coisa”. (cobrir com imagem da criança)
GC: Diogo Dias Aluno do Projeto	0’20”	“É estar fazendo...o bicho pega”. (cobrir com imagem do aluno)
GC: Stella Lopes Aluna do Projeto	0’15”	“Dança contemporânea...mais rápido”. (cobrir com imagem da aluna)
Alunos da turma de adultos GC: Edson Bueno Aluno do Projeto	0’17”	“Eu não tenho dinheiro...é isso” (cobrir com imagem do aluno)
GC: Siméia Magalhães Aluna do Projeto	0’25”	“Eu tô aqui...meu novo momento”. (cobrir com imagem da aluna)
GC: Karla Torres Aluna do Projeto	0’30”	“Eu sou astrônoma...um outro pólo” (cobrir com imagem da aluna)
Alunos da turma da terceira idade GC: Elenice Umbelino Aluna do Projeto	0’15”	“Quando a gente...mais moleca”. (cobrir com imagem da aluna)
GC: Sedalina Aguiar Aluna do Projeto	0’12”	“Eu amo... mais animada”. (cobrir com imagem da aluna)
GC: Francisca Oliveira Aluna do Projeto	0’15”	“Eu gosto mais...saber dançar”.
Clip da apresentação da Cia no Festidança/ bastidores 2004 + trilha GC: “Todo mundo pode ser um cidadão dançante”. (Gabriela Dellias)	0’30”	
Tela preta GC: “O que aconteceria se ao invés de construir nossa vida, nós nos entregássemos à loucura ou à sabedoria de dançá-la?”. (Autor desconhecido)	0’05”	

<p>GC: Agradecimentos</p>		<p>“A Cia de Dança da Cidade e a todos os integrantes do Projeto Cidadãos Dançantes”.</p> <p>“Aos professores Vânia Braz, Filipe Soriano, Carlos Abranches e Mário Rios”.</p> <p>“ A paciência e ao “apoio técnico” dos namorados Delei e Gabriel. Amamos vocês”.</p> <p>“ As pessoas que indiretamente contribuíram para a produção deste vídeo: Camila Lucci, Fofó e Joselani Soares”.</p> <p>- Este vídeo documentário é dedicado as nossas mães: Neusa e Cida. Valeu pelo carinho e preocupação.</p>
<p>Ficha técnica:</p>	<p>0’15”</p>	<p>Produção e reportagem: Cíntia Magalhães e Livia Porto</p> <p>Edição: Filipe C. Soriano</p> <p>Orientadora: Vânia Braz</p> <p>Universidade do Vale do Paraíba Faculdade de Comunicação e Artes Novembro -2004</p>
<p>Tempo Total:</p>	<p>9’00”</p>	

5.4 Argumentos

Foi escolhido o formato de vídeo-documentário porque essa é a melhor maneira de registrar os movimentos, as cores, roupas e todos os elementos que fazem parte dessa arte.

Com o vídeo também foi possível mostrar o Projeto como um todo, as aulas, os integrantes, os espetáculos, e transmitir a emoção das pessoas que participam dele.

Através dos movimentos captados será possível que os espectadores possam ver os diversos passos que a dança tem, movimentos, e as diversas formas de se comunicar com o corpo. Mostrar ainda que o gesto ganha um sentido de comunicação no corpo do bailarino. O vídeo retratou também a forma que a dança serve para desenvolver o corpo, a alegria, a satisfação, a vontade de vencer e superar os limites.

Só com imagens, seria possível captar a emoção dos participantes do Projeto, que encontram na dança uma forma de “fugir” dos seus problemas cotidianos, de suas carências, e aceitar-se como pessoas, além de conviver em grupo e fazer novas amizades.

Por se tratar de um tema cultural, dinâmico, além da captação de imagens e sons, foi possível utilizar outros recursos audiovisuais, como efeitos, gc's, trilhas, que enriqueceram ainda mais este vídeo-documentário.

Pudemos retratar a realidade do Projeto Cidadãos Dançantes, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, permitindo ao espectador tirar suas próprias conclusões. Não baseia-se só no fato, mas no indivíduo. Na produção do vídeo, demos destaque às pessoas e aos lugares, já que esses eram elementos que representavam a história ou a vida dessa determinada comunidade.

Entendemos que um vídeo, além de oferecer todas estas possibilidades, ainda é muito bem aceito. Dessa maneira este trabalho poderá ser divulgado para todo tipo de pessoa, já que hoje em dia a televisão é bem acessível entre a população atual.

Nenhum outro meio de comunicação seria tão apropriado para ilustrar todas as partes que compõe o mundo da dança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa pretende, através dos depoimentos obtidos, despertar nas pessoas o interesse em conhecer melhor essa arte, de praticar, de prestigiar os espetáculos de dança, valorizando essa cultura.

O público-alvo do vídeo são bailarinos, coreógrafos, artistas de diferentes segmentos, jornalistas, e pessoas comuns que possam ter o interesse despertado por esta arte. Para tanto, estará disponível em bibliotecas, escolas e universidades.

Este vídeo documentário não pretende convencer o espectador, mas fazê-lo refletir sobre o tema tratado.

O presente trabalho retrata o histórico da dança no cenário nacional e internacional, mostrando os seus diversos estilos, desde os clássicos jazz e ballet, passando pelo sapateado e as arraigadas danças folclóricas – sinônimo da cultura popular – até os mais contemporâneos como a dança de salão e a dança de rua.

O projeto social abordado aqui tem a dança contemporânea como fator primário para o sucesso adquirido no cenário artístico da cidade de São José dos Campos. A dança contemporânea no Brasil tem se mostrado como um meio de manifestações culturais, além de ser um fator de inclusão social.

São vários os projetos sociais existentes espalhados pelo país, no qual vemos esse estilo de dança ser usado como elemento de resgate de cidadania. Resgate este que se torna extremamente necessário, devido a forte exclusão social que enfrentamos no nosso país. Por isso que projetos como o Cidadãos Dançantes devem ser usados de exemplos tanto pelo setor público quanto pelo privado, por serem, entre outras coisas, uma forma de estímulo e melhora da auto-estima.

Através das intensas pesquisas realizadas junto à Cia de Dança da Cidade, das entrevistas com dirigentes e integrantes, analisando o histórico desde a sua fundação, pode-se constatar o trabalho desenvolvido e o resultado que esse Projeto obtém a cada dia que passa.

Retratar a verdadeira essência, o amor contido em cada face desse Projeto foi uma tarefa árdua, que nós autoras humildemente dispusemos a fazer, certas de estarmos contribuindo para a formação de uma sociedade mais sólida e mais consciente de suas responsabilidades, onde o que importa é viver, pois a vida é uma DANÇA!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMPARATO, Doc. *Da criação ao roteiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

DESLANDES, Suely Ferreira. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FAHLBUSCH, Hannelore. *Dança moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: Sprint, 1990.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. *Pesquisa em comunicação*. São Paulo: Loyola, 1990.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

PORTINARI, Maribel. *História da dança*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

SANTORO, Luiz Fernando. *A imagem nas mãos*. São Paulo: Summus, 1989.

SERRA, Floriano. *A arte e a técnica do vídeo: do roteiro à edição*. São Paulo: Summus, 1986.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2002.

SHERWOOD, Hugh C. *A entrevista jornalística*. São Paulo: Mosaico, 1981.

SQUIRES, Malcolm. *O manual da Camcorder*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1993.

TEIXEIRA, João Gabriel Lima Cruz. *A construção da cidadania*. Brasília: Universidade de Brasília, 1986.

WATTS, Harris. *On câmera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC*. São Paulo: Summus, 1990.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. *O corpo fala: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal*. Petrópolis: Vozes, 1981.

SITES

Dança Folclórica. Disponível em
(<http://www.geocities.com/Broadway/Alley/6471/Folclore/folclore.html>), acessado em
18/10/04

Dança - Meira da Rocha. Disponível em (<http://www.meiradarocha.jor.br/index.pl/dana>),
acessado em 18/10/04

Estilos de dança. Disponível em
(<http://www.geocities.com/Hollywood/Lot/8182/estilos.html>), acessado em 18/10/04

Fê Web - Dança do Ventre. Disponível em
(http://www.nandabrasil.hpg.ig.com.br/entretenimento/16/index_int_2.html), acessado em
18/10/04

Flamenco. Disponível em (<http://www.centroespanhol.com.br/flamenco.htm>), acessado em
22/10/04

História do Jazz Dance. Disponível em
(<http://geocities.yahoo.com.br/quemdancamaisfeliz/interna2.html>), acessado em 22/10/04

História dos Ritmos. Disponível em
(<http://www.stellaaguiar.com.br/historiadoritmo/historiadosritmos.htm#sapateado>),
acessado em 04/11/04

PINSK, JAIME. “A cidadania”. Disponível em
(http://www.semanario.tp/Jornal%200004/Arquivo/a_cidadania.htm), acessado em
01/11/04

Revolution Company - Escola de dança. Disponível em
(<http://revolutioncompany.com.br/danca.htm>), acessado em 06/11/04

ANEXO

ENTREVISTAS

Bailarinos da Cia de Dança da Cidade

Pergunta – O que você sente quando está dançando?

Resposta – Laila Mulinari (Bailarina): Bom dançar para mim é a possibilidade de eu me colocar por inteira dentro da sala de aula, na minha vida. A possibilidade de eu me conhecer, de conhecer meus limites, meus potenciais. De ter este momento comigo mesma. Como a Mariana falou, e principalmente com o outro. A dança possibilita você colocar o que você tem para fora e também conhecer o outro. Estar com o outro para mim também é muito importante, conhecer outras pessoas que participam e gostam da mesma realidade que eu, que no caso é dançar. Resumindo, dançar para mim é minha vida.

Pergunta – O que é a dança para você?

Resposta – Mariana Carvalho (Bailarina): Eu penso que a dança é uma das formas de se conhecer, é um movimento constante, é um crescimento tanto espiritual quanto profissional. É uma oportunidade também de conviver com pessoas diferentes de você. Para mim é um momento muito feliz, eu vejo que a dança é onde eu me entrego mesmo, eu vejo que procuro ficar sempre... estar em harmonia, pois flui até melhor a expressão, os movimentos. Dançar é ser feliz!

Pergunta – Qual a importância da dança na sua vida?

Resposta – Ronaldo Lino (Bailarino): Então, a dança para mim é transcender, é você superar os limites do corpo, através de aula. É um trabalho árduo, disciplina sempre. É uma harmonia dentro da academia e tal, é respeito com a diretora, respeito com os colegas, enfim, dança para mim é disciplina, trabalho árduo e vitória no futuro.

Pergunta – O que é dança para você?

Resposta – Davidson Farias (Bailarino): Dança para mim é a expressão da mente, do corpo, ser feliz como eles falaram... Poder buscar seus objetivos. É um dom que você tem.

Pergunta – Carlos, você sempre quis ser bailarino?

Resposta – Carlos Alves (Bailarino): Bom, dançar pra mim é a minha vida. É o que eu sei fazer. É o meu dom, o talento que Deus me deu, e que até hoje eu estou buscando cada vez mais me profissionalizar. Dançar pra mim, ainda mais na Cia, foi um presente muito grande que Ele me deu. Aqui estou crescendo como pessoa, estou podendo ousar, existir e passar também para as pessoas o que eu sei fazer. Colocar a disposição, o talento que Deus me deu na mão da professora, na comunidade, ou com as pessoas que estão aqui com a gente na Cia, cada um tem um pouco aqui para dar e para oferecer e dançar para mim é isso, é a vida, é a alegria, é saber viver o momento aqui dentro, nos palcos, lá fora. É isso.

Pergunta – Qual a melhor sensação de estar nos palcos?

Resposta – Kiara (Bailarina): Dançar para mim é a minha felicidade. Eu danço desde pequena. Quando a gente dá aquele sorriso quando está dançando, quando faz aquela expressão, a gente vê que eles ficam contentes com isso. As palmas depois também. Eu me sinto muito feliz dançando, eu me realizo dançando. Sendo para o público adulto, infantil, independente do quanto de pessoas tem para assistir, se tem 2, se tem 10 ou se tem 100, eu danço do mesmo jeito. Eu me realizo muito dançando, muito mesmo. Eu acho que quem dança é feliz, gostar de dançar é isso.

Pergunta – Qual a importância de dançar na Cia de Dança de Cidade para você?

Resposta – Diogo de Carvalho (Bailarino): Pra mim dançar é uma coisa muito boa que aconteceu na minha vida. Veio no momento certo. Dançar aqui na Cia por exemplo, que é um lugar onde a Gabriela dá oportunidade pra gente poder se expressar, falar o que você está sentindo, que em muitos lugares você não pode falar. Aqui é diferente, é gostoso dançar na Cia. Quando eu venho dançar eu expresso toda a minha alegria, quando eu estou triste solto tudo dentro desta sala.

Aula dos Adultos

Pergunta – Como surgiu o Projeto e como são as aulas?

Resposta – Suzana Bins (Professora): Meu nome é Suzana Bins, eu sou professora de dança do Projeto Cidadãos Dançantes a 4 anos. Eu comecei a dar aula junto com o Projeto quando ele foi implantado aqui na Fundação Cultural.

Essa turma que a gente tá aqui é uma turma de adultos, do Clemente Gomes, que fica aqui na Fundação Cultural. É uma turma que tem 20 alunos, hoje não tá todo mundo aqui, mas essa turma é grande. A gente também tem a turma das 14h, também de adultos e adolescentes.

Às quartas feiras a gente trabalha lá no espaço cultural do Satélite. Lá a gente trabalha com a 3ª idade, adolescentes e adultos. Na verdade a nossa dança, a dança contemporânea, não tem uma faixa etária, ela pega desde criança até a 3ª idade, é uma dança muito aberta, na verdade é expressão corporal. É um trabalho de conscientização do seu próprio corpo. Então você começa a pensar na sua musculatura, no seu esqueleto, nos seus ossos e você começa a querer fazer movimentos que são soltos, desarticulados, ou duros, ou... tudo pensando no seu corpo, no seu físico. É uma dança muito legal porque ela traz um trabalho de conhecimento.

Pergunta – Como essas aulas são divididas?

Resposta – Suzana Bins (Professora): Desde as crianças, os pequeninhos eles já adoram saber como chama os ossinhos, como é que é pisar no chão. A gente usa muito o lúdico, eles brincam muito. Na verdade a aula das crianças é uma brincadeira. A 3ª idade então, eles amam, amam, é impressionante. Toda aula quando termina eles me abraçam, me beijam, e falam: “Como é bom estar aqui, por favor nunca pára, nunca pára!” Sabe assim, são super carinhosos, eles adoram. E é um trabalho muito legal. Assim com eles a gente trabalha bem a consciência corporal, bem como que o corpo deve se colocar, qual é a postura certa. E eles sempre alcançam, às vezes eles passam dos limites. Assim no começo, às vezes a flexibilidade aumenta. E com o conhecimento do próprio corpo eles vão conseguindo coisas que eu me surpreendo. E tá super legal essa turma da 3ª idade elas

ensaiam pra caramba, vão dançar no final do ano. Querem ensaiar se possível quase todos os dias, eu tenho que segurar elas, mas é o maior barato. Os adolescentes também, que é uma descoberta também do corpo né? Que a gente brinca muito mais com o físico, com a feminilidade das meninas no caso, eu brinco bastante, é bem interessante a aula. E com os adultos, que são esses aqui, o trabalho é muito gratificante. Porque a gente vem pra cá e passa uma energia, e a gente passa em dobro essa energia. E as aulas que a gente tem aqui são completamente soltas de preconceito. Eu tento levar para eles sempre as pessoas como indivíduos como eles são. Eu não quero que eles sejam perfeitos, que eles sejam bailarinos. Aqui não é nada disso. Aqui são pessoas que dançam, que sentem prazer de se movimentar e o prazer e conhecimento que isso trás para eles mesmos. Então eu acho isso muito interessante.

Pergunta – E como é a aceitação dessas aulas pela comunidade?

Resposta – Suzana Bins (Professora): Bom, a comunidade só tem aumentado, a cada ano que passa as turmas tem vindo mais. Quer dizer, a aceitação disso pela comunidade é enorme. Então eu só tenho a dizer que é um Projeto muito legal. É muito legal eu estar fazendo parte deste Projeto, estou muito feliz dando aula para eles e quero que este Projeto continue por muitos anos porque vale a pena, vale a pena...

Alunos

Pergunta – Por que você faz dança contemporânea?

Resposta – Edson Bueno (Aluno): Meu nome é Edson. Tudo começou, porque tudo tem um começo. Tudo começou no passado. No passado eu tava fazendo coral aqui na Fundação, no fim do ano passado eu fui fazer...é... As pessoas que conhecem a gente, sabem muito mais da gente do que a gente mesmo.

A secretária da Fundação aqui, eu esqueci o nome dela, ela me via todas as quintas-feiras e sábados, ela já me conhecia um bocado pois eu já fazia coral a 8 meses. Aí pra entrar 2004 eu falei para ela: “O ano que vem eu quero fazer teatro”. Aí a Sabrina chegou e eu falei para ela: “Eu quero fazer tetro, eu não tenho dinheiro pra pagar um analista, eu preciso liberar os meus demônios”. Ela falou: “Não, você não vai fazer teatro, você vai dança contemporânea”. Eu falei: “O quê? ãn? Eu? Dança contemporânea?” Ainda brinquei: “Eu vou botar um collant violeta, lilás e vou dançar”. Mas de brincadeira, nada

de... eu sou assim mesmo. Eu me matriculei por causa dela, ela falou: “Você pode até se matricular pra teatro, mas se você fizer dança contemporânea, você vai ver como vai mexer com o seu interior e o legal que é.

Bom hoje, 10 meses depois de aula, eu não aprendi muito não, mas já passei a amar a Suzana, tô me conhecendo melhor, conhecendo meu corpo. Eu nem me lembro mais do primeiro dia, eu era muito mais... Eu sou assim autêntico, entusiasmado pela vida. Jamais eu pensei que com 40 anos de idade eu fosse fazer dança. Mas muito mais pelas pessoas. Mas isso sempre é na vida. O que você curte, o que você leva da vida, sempre são as pessoas, nada mais importante universo. Mas também ninguém pediu para filosofar.

Tem a Suzana, uma pessoa que eu aprendi muito, a nossa professora de dança contemporânea. Por tabela todo esse pessoal aí. Eu tô amando fazer, não sei fazer quase nada, mas tô amando. Já tô bem melhor que no primeiro dia. Eu tô amando. É isso!

Pergunta – Por que você faz aula no Projeto Cidadãos Dançantes?

Resposta – Siméia Magalhães (Aluna): Meu nome é Siméia Priscila, eu estou no projeto faz um ano, eu já tinha começado o ano passado, mas fiquei seis meses com outro professor. E este ano eu estou gostando muito da Sú, da Suzana né. Porque ela é show de bola. Ela dá uma aula muito explicativa, muito interada, muito assim de dentro para fora. Então isso vem muito de encontro como o meu momento. Porque eu estou assim num momento de busca interior, de recomeço, de reconstrução da minha vida, então a dança contemporânea é isso. É aceitação de mim, a aceitação do meu corpo, a aceitação da minha personalidade. Então estar aqui dançando, me envolvendo com as pessoas, eu estou colocando pra fora este meu momento. Eu trabalho com culinária, dou aula de culinária, vendo lanche nos bancos. Então tá tudo muito casado, muito legal, porque a dança contemporânea é muito legal, porque é uma coisa que vem de dentro para fora, você pode ser você mesmo e ao mesmo tempo expressar a dança que existe dentro de você, então não é uma questão unilateral. Eu acho que todos nós seres humanos temos uma expressão de dança dentro de nós, é de contemporânea, não é uma dança para mostrar o corpo, ou isso ou aquilo. Não, a dança contemporânea é uma coisa que vem da alma e retrata o bem do ser humano, como ele é. Então é gratificante e maravilhoso que o projeto tá dando pra quem tem essa vontade. E eu tenho desde criança, de dançar. Então eu tô realizada, tô feliz da

vida, e espero que o projeto continue por muito tempo. Espero que as pessoas que tem autoridade, que detêm o poder, que não deixem isso acabar porque é maravilhoso.

Pergunta – O que te motivou a fazer aula de dança contemporânea?

Resposta – Karla Torres (Aluna): Meu nome é Karla, eu sou astrônoma, comecei na dança aqui na Fundação Cultural já faz um ano e meio. E eu comecei pela paixão intensa que eu tenho pela dança, eu quis buscar isso. Eu comecei como um lazer, mas hoje estou me aprofundando, tô trabalhando pra conseguir chegar numa segunda profissão.

Eu tenho paixão pela astronomia e percebi que a dança me equilibra num outro pólo. Eu percebi, eu comecei com a dança contemporânea, entrei no ballet para aperfeiçoar o contemporâneo, tô correndo atrás, cada vez me conhecendo mais. E na dança contemporânea, eu não só encontrei um imenso prazer de dançar como eu também me encontrei, como a Siméia falou, porque aqui a gente se encontra, e tudo o que eu sou na dança, tudo o que eu aprendi, tudo eu devo a Suzana. Porque ela não só inspira a gente a expressar o que está por dentro, a exteriorizar isso. Como também ensina a técnica que a gente precisa para fazer este tipo de trabalho.

Pergunta – Qual o principal benefício da dança na sua vida?

Resposta – Milaine Campos (Aluna): Eu fiz enfermagem, estou trabalhando na área, e eu achei na dança um equilíbrio muito legal. Este lance de conscientização corporal, traz autoestima. Eu acho que me deixou muito mais confiante para cuidar da minha casa, trabalhar melhor. E eu estou adorando.

Pergunta – O que te fez buscar a dança como um lazer, uma terapia?

Resposta – Mariângela Veneziani (Aluna): Meu nome é Mariângela, eu comecei na dança este ano. Eu sou pedagoga, trabalho na área de deficiência mental. Eu vim aqui buscando uma coisa que eu pudesse extravasar um pouquinho a tensão do dia-a-dia e me conhecer um pouquinho, e aqui além da gente encontrar isso, a gente encontra uma família, porque eu por exemplo, no primeiro dia cheguei super mal, chorei que nem uma louca e todo mundo me acolheu, foi super gostoso, esse clima que a gente tem aqui dentro. É isso.

Aula da Cia de Dança da Cidade

Pergunta – Como surgiu a Cia?

Resposta – Gabriela Dellias (Bailarina e coreógrafa): Bom a Cia de dança surgiu, na verdade a gente começou em 2000, fora da Fundação Cultural. Nós éramos em quatro meninas: eu, a Suzana, a Ana Paula Cambusaqui e a Juliana Costa. Nós emprestavamos o espaço aqui da Fundação mas ainda não éramos contratadas pela Fundação. Aí começamos a trabalhar todos os dias. Aí surgiu efetivamente em 2001, quando eu apresentei o Projeto Cidadãos Dançantes. A Cia integra nesse projeto, né, aqui na Fundação então está desde 2001, com oito bailarinos contando comigo. O Projeto Cidadãos Dançantes ele é a Cia de Dança Contemporânea, onde a gente trabalha com técnicas de ballet clássico. Nosso professor é o Totonho, e dança contemporânea que daí desta parte cuida eu.

Então a gente tem uma rotina de quatro horas diárias. A gente faz aulas de ballet clássico, e dança contemporânea.

Pergunta – E como é o trabalho com a comunidade?

Resposta – Gabriela Dellias (Bailarina e coreógrafa): Fora isso, a Cia também trabalha com a comunidade. A gente usa a dança como elemento de transformação, e começamos a trabalhar com seis casas de cultura. Hoje a gente trabalha com um número menor, já estamos no quarto ano de Cia. Já trocaram os bailarinos, enfim, mas a história é usar a dança como elemento de transformação, trabalhando com a dança que sensibiliza uma dança que transforma. A gente não tem a idéia de trabalhar a comunidade, assim formar bailarinos, mas sim despertar cidadãos. Então através de uma dança criativa, a gente trabalha com cada pessoa, respeitando cada corpo, cada sentimento e através de técnicas de consciência a gente faz com que cada pessoa descubra o seu jeito de dançar, de se expressar. E com isso a gente tem notado realmente um trabalho de libertação. Com esse trabalho a gente termina potencializando o que a pessoa tem de melhor. A gente não forma bailarinos, apesar de sempre descobrirmos talentos e tudo mais, mas a gente realmente usa a dança como elemento de transformar o cidadão. Esse é o Projeto Cidadãos Dançantes.

Pergunta – E a Cia está paralela a isso?

Resposta – Gabriela Dellias (Bailarina e coreógrafa): Fora isso a gente está aí na rotina de Companhia de Dança, eu já estou com o meu quarto espetáculo. Nesses quatro anos, a cada ano eu criei um espetáculo, começando com o "Pé de Sacode", que é um espetáculo que fala da cultura da nossa região aqui do Vale do Paraíba, que aborda a caipiragem.

Eu gosto de trabalhar com teatro e dança também, eu gosto de ver pessoas que dançam e não bailarinos, máquinas de dançar. É essa a particularidade, um pouco do meu trabalho né, eu ver cada um, cada olhar, cada jeito, cada pessoa.

Pergunta – A diferença é que a Cia compete, e as aulas da comunidade são só um trabalho social?

Resposta – Gabriela Dellias (Bailarina e coreógrafa): Esquece essa coisa de competição, a gente se mostra, a gente encanta as pessoas através da nossa arte, da nossa dança. Pra mim meu maior objetivo dentro da arte é a conscientização. Então a gente vai, se mostra e alegre, como a gente trabalha em cima de cada pessoa, a gente estimula muito a improvisação, a gente é... não é que exatamente eles saem copiando a gente. A gente vai dando vários elementos para que a pessoa se solte, para que a pessoa expresse o seu próprio jeito de dançar, e este efeito é terapêutico. Porque vai destravando, vai tirando todo o stress, todas as tensões. A gente trabalha com consciência corporal, então nós estamos buscando um caminho um pouco diferente das máquinas de dançar, e sim da pessoa que dança, o ser humano que se coloca, que se expressa. Então quando tratamos com esse elemento, é natural que a gente coloque todos os bichos para fora, que a gente entre numa sala de dança, mal, arrasado, e saia depois super leve e bem. Porque a arte tem este potencial, além desse tipo de técnica diferenciada que a gente usa para desbloquear e para cada um expressar seu próprio jeito, a arte faz com que isso aconteça. É a coisa de se transportar para um universo lúdico, um universo que não é esse que a gente pisa no chão, esta coisa concreta. É aonde a gente pode sonhar, pode ser outra pessoa, expressar sensações diferentes, daquelas que a gente experimenta no nosso dia-a-dia, é um local onde a gente tem realmente para extravasar. E a arte tem este potencial, porque você valoriza o cidadão, todo mundo pode ser um cidadão dançante, todo mundo tem a capacidade de se expressar, e do pouco que eu tenho percebido é que independente se esta pessoa quer ser ou não

bailarino, falando do trabalho na comunidade, é um tipo de trabalho que faz com que você potencialize o melhor de cada pessoa. Através deste tipo de trabalho você acaba soltando aquilo que cada um tem de melhor para dar, mesmo que amanhã ele seja um engenheiro, um mecânico, ele vai aprender a se mexer melhor, ele vai se desestressar, ele vai ser um ser mais espontâneo, um ser mais verdadeiro.

Então é isso que a gente propõe, que a gente descubra e faça despertar em cada pessoa o jeito de se mostrar, o seu jeito de ser, independente de como seja. O espontâneo é o bonito.

Aula das Crianças

Pergunta – O que você mais gosta na aula?

Resposta – Rafaela Gatto (Aluna): A coreografia que o professor passou aqui, eu gosto mais de improvisar, porque eu gosto de inventar bastante coisa.

Pergunta – O que você aprende nas aulas de dança contemporânea?

Resposta – Diogo Dias (Aluno): A gente está fazendo movimentos. A gente faz letras com o braço, com a perna, com o pé, com o cotovelo, cada pontinho do seu corpo, entendeu? A gente aprende isso com o professor.

Pergunta – O que você acha de diferente na dança contemporânea?

Resposta Auli Machado (Aluna): É uma coisa diferente das outras coreografias que o professor passou. Eu gostei porque é diferente, das outras coisas que são mais difíceis. Eu gosto de dançar porque é uma dança bonita e faz tempo que eu já danço.

Pergunta – O que é a dança contemporânea para você?

Resposta – Stella Lopes (Aluna): A dança contemporânea é a dança criativa que o professor inventa, passa pra gente. Às vezes o professor esquece, e aí a gente tem que falar pra ele. Eu treino em casa quase todos os dias, é que tem que fazer mais rápido.

Pergunta – O que tem de diferente nas aulas que você aprende aqui?

Resposta – Diogo Dias (Aluno): Por exemplo eu tenho que decorar as letras u, v, x, z, até o z né. Porque na hora se eu não sabê, tipo que tem que decorar certo? Se na hora da dança eu não sabê, aí o bicho pega, certo?

Pergunta – O que significa a Dança para você?

Resposta – João (Professor): Esse trabalho com o Projeto Cidadãos Dançantes eu sempre falo para eles, é essa questão da arte, que não se faz cópia. Em qualquer tipo de arte, seja artes plástica, dança, violão, seja o que for que tenha relação com a arte, nem tudo é só cópia. Eu procuro passar para eles que eles sejam os próprios intérpretes, que eles criem suas próprias coisas, para um dia um ser professor do outro, essa é a idéia. Eu monto também coreografias, eles copiam, porque aquilo que eu passo também tem algo novo para eles. Eu sempre valorizo aquilo, de alguma maneira eles podem criar aquilo que dá autonomia para eles.

No próprio discurso como ser humano, no meio social. E estar podendo fazer com que a arte seja vista de uma maneira íntegra, assim, sem cópia. É claro que cada professor tem uma linguagem, esse meu caminho não quer dizer que seja o melhor do mundo.

Aula da Terceira Idade

Pergunta – O que mais gosta das aulas?

Resposta – Elenice Umbelino (Aluna): A partir do momento que a gente entra aqui, a gente esquece o que tem lá fora. E a gente vive aquele momento gostoso, se descontraí, se sente mais solta. E a partir daí a gente fica assim... como eu posso dizer... descontraída... Não fica tão inibida mais. No começo a gente sente aquela certa inibição, mas depois a gente se descontraí e aí fica melhor. A gente se sente moleca, né professora? Eu quero colocar boné virado para trás, calça larga, camiseta. Então quando eu estou aqui dentro dançando, eu me sinto mais moleca. Mais arteira, eu me sinto assim, com vontade de fazer arte. Arte dançante, arte... todo tipo de arte. E alguém já me disse que eu sou uma menina

arteira. Nos encontros que eu tenho no programa do Padre Marcelo Rossi, no Encontro com Jesus, aí ele fala que eu sou uma menina arteira. E eu me sinto assim.

Pergunta – Por que você acha importante fazer dança contemporânea?

Resposta – Marlene Alves (Aluna): Aqui a gente se solta mais. A dança faz com a gente se sintam mais solta.

Pergunta – A senhora gosta de fazer parte do Projeto Cidadãos Dançantes?

Resposta – Sedalina Aguiar (Aluna): Nossa eu amo, amo o que eu faço. Nossa é muito bom. A gente arruma amizades. A gente fica mais animada. A gente gosta muito da professora. A Suzana é um amor de pessoa. É muito bom. Muito bom mesmo. Eu amo a dança. Eu adoro.

Pergunta – As aulas tem ajudado na saúde da senhora?

Resposta – Francisca Oliveira (Aluna): Eu tenho um pouco de dificuldade pra dançar. Mas no dia-a-dia a gente vai se soltando, vai ficando um pouco mais flexível. Então a gente procura acompanhar a professora que é aí uma elástica né? Eu gosto muito desta dança porque você aprende a se soltar né, o corpo que era duro. Porque a gente vai ficando velho, vai endurecendo tudo né? E aqui a gente procura, fica alegre né? Nem lembro o que tem em casa, serviço... Só quer saber de dançar. Muito bom. E as colegas, né? Que a gente faz parte no dia a dia. Isso faz muito bem né, pra vida da gente no dia a dia.

Agradecimentos:

“A Cia de Dança da Cidade e a todos os integrantes do Projeto Cidadãos Dançantes”.

“Aos professores Vânia Braz, Filipe Soriano, Carlos Abranches e Mário Rios”.

“A paciência e ao “apoio técnico” dos namorados Delei e Gabriel. Amamos vocês”.

“As pessoas que indiretamente contribuíram para a produção deste vídeo: Camila Lucci, Fofo, Cinthya, e Joselani Soares”.

Dedicatória:

Este vídeo documentário é dedicado as nossas mães: Neusa e Cida.
-Valeu pelo carinho e preocupação-

Ficha técnica:

Produção e reportagem: Cíntia Magalhães e Lívia Porto

Orientadora: Vânia Braz

Edição: Filipe C. Soriano

Universidade do Vale do Paraíba
Faculdade de Comunicação e Artes
Novembro –2004